This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

869.8
G934ve0
U26

B 858,005

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

IMPRESSÕES DA LEITURA

DA

VELHICE DO PADRE ETERNO

POEMA NOTAVEL DO DISTINCTO POETA

GUERRA JUNQUEIRO

VIAGEM AO PARNASO

POR

FREI JUGEDIO

SANTAREM

MINERVA INDUSTRIAL

1885

869.8
.G934veO
U26

13-37232/

Ao seu antigo condiscipulo e velho amigo

ABEL ACCACIO

O. D. E C.

O auctor

Aos realistas indigenas como testemunho de admiração pelo seu brilhante estylo.

AO LEITOR

Não aspiro a poeta, não cobiço a gloria,
e por isso meu nome não firma esta historia.

AOS PUBLICISTAS

Ó criticos da Parvonia, ó sabios menestreis:
eu não pretendo applausos; eu só quero uns tantos réis.

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Julgando-me elevado poetaço,
a musa invoco todo sobranceiro...
Eis me sacode as orelhas mão d'aço,
tão fria como o frio de janeiro.

*

* *

Arregalei os olhos lestamente,
esfreguei-os não crendo estar em mim:
estava, sorrindo, na minha frente,
um estafermo que descrevo assim:

Era uma velha esguia e desgrenhada
com sorrisos bastante insinuantes.
Vestia á grega; cara descarada;
os olhos encovados mas brilhantes.

Sem tempo me dar a pôr-me álerta,
com gesto de fina regateira,
mão posta na ilharga e perna aberta,
um discurso faz, d'esta maneira:

—«Larapio e massador!
tu és um impostor
que queres imitar,
de Daphnis e Chloë,
a maneira de amar.

Meu tolo, meu pedante!
eu vou-te, n'um instante,
mostrar que vaes errado,
e que tens por cabeça
grandissimo telhado.»

Uma pausa fez, e de tom mudando,
em *pose academica*, foi chiando:

—«O tempo do romantismo já vae bem longe:
morreu, quando morreu o derradeiro monge.
A sciencia moderna dá a orientação
á arte, á litteratura, á civilisação.
Segue a sociedade na maneira de ser
que hoje manifesta; copia-lhe o viver,
se queres que te leiam, queres que te admirem,
se queres que te applaudam e por ti suspirem:
—porque o suspirar, embora termo antigo,
é um acto real que todos teem comsigo.—

Descantar amores é carunchoso, é velho:
atira isso ao lixo, toma o meu conselho.

As flores não cantes... Canta sómente as brancas,
a côr da pureza: com isso não espancas
o realismo puro, embora as côres quentes
tenham mais procura e sejam as mais decentes,
—por serem mais sadias á face da sciencia—
não que as brancas sejam alguma indecencia.

Não cantes os lirios: isso é velharia;
tens o roxo das chagas que está mais em dia.

Nunca falles nas puras aguas do arroio:
isso é asneira; apenas rima com saloio
e poucos termos mais. Falla na copahiba,
que é liquido bom, muito usado lá p'ra riba
pelas altas regiões do deboche doirado.
Pódes fallar, tambem, no cel'bre preparado
de Gibert, de Raquin, e na Salsa-parrilha...»

—«Quem és tu? minha cara de pandilha!
serás abelha-mestra, ou boticaria?
serás bruxa com loja de hervanaria,
ou annuncio de drogas, por acaso?»

—«Eu sou a velha musa do Parnaso
que, inspirada na sciencia dos effeitos,
despida de rançosos preconceitos,
abracei a moderna poesia,
e conquisto mil adeptos por dia.»

—«Ó musa moderna, eu te saúdo!
e por ti me declaro amurudo
se ensinas a fazer al'xandrinos
mais sonoros, bellos, mais divinos
que os gorgeios do proprio rouxinol.
Juro!... nem cantar o girasol,
que preciso é aqui para rimar.
Antes, porém, haveis d'explicar
como, velhos preconceitos tu despindo,
a vestimenta conservas, que no Pindo
usavas em a era romanesca.»

—«Conservo-a por ser bastante fresca.
A frescura é cousa indispensavel
para crear um nome perduravel.»

—«N'esse caso vou cantar o nú
como diz o dito — mesmo crú.»

—«Amigo: até isso vae sendo já safado...
e comtudo explorar o que está explorado,
por séria difficuldade, passa hoje em dia.
Com arte fina e certas manhas, todavia,
tudo se consegue.

Vem tu d'ahi commigo,
verás como é certo e bem certo o que te digo.»

II

Eis-me transportado pelo espaço
furando por pesada athmosphera,
com risco de quebrar o espinhaço,
pois nem umas azas de chimera
a pulha da musa m'emprestou.
Ella pela gola me agarrava
e todo o caminho me levou
suspendido, emquanto caminhava.

Por fim pousou-me n'uma rua estreita
como um bêcco da decantada Alfama.

—«Amigo! tudo que vires, attento, espreita,
se queres ser apregoado pela Fama.»

Estamos no meu Reino: aqui tudo respira
quanto a teu estro falta e tão sedento aspira.»

E vi o solo lamacento, immundo,
exhalando o cheiro acre e nauseabundo
que sae das negras aguas d'um enxurro.
Aqui, além, saltavam do monturo
vadios e magros cães de torvo olhar,
desconfiados que lhes vão disputar,
andrajosos mendigos seus collegas,
as presas immergidas nas bodegas.

Escorregando como um borrachão
vi-me em risco de beijocar o chão;
e se a musa amiga me não ampara
certamente que partiria a cara.

*
* *

Corridos varios bêccos tortuosos,
que a bebeda co'os nomes mais pomposos,
cantando, nomeava alegremente,
á laia de cicerone intelligente:
topei com um palacio illuminado,
e com lacaio á porta enfardalhado.

—«Quem mora ali?»—perguntei assombrado.

—«É a orgia! a filha do argentario
que gasta o ouro vil do usurario,
que roubando o suor do proletario...»

—«Ai! Deus meu! historia da carochinha
que é formosa e bonitinha...»

—«Não me falles á mão! aliás
nunca alexandrinos tu farás!

Presta ao meu discurso toda a attenção
se queres que te dê inspiração.

—É a orgia! a filha do argentario,
que gasta o ouro vil do usurario,
e que talvez deixasse na miseria
o pobre proletario—vil materia!

É a orgia! a impura mulher do vicio!
que tem ha tanto seculo o baixo officio
de macular as timidas consciencias.

É a orgia! que, sem guardar conveniencias,
prostitue as gordas carnes oleosas
n'um sidereo leito, ideal, de nublosas.

É a orgia!... Com seu halito pestifero
(que é mil vezes ainda mais mortifero
do que o bacillus-virgula do Ganges)
mata o coração das *virtuosas* Langes;
e tem feito baquear testas coroadas
quando o povo levanta barricadas.

É a orgia que fez cahir os Romanos,
aqui ha uns centos d'annos.

É filha d'ella a walsa tentadora
que, veloz, sensual, animadora,
queima innocencia e queima candura.

Alcovitas prazer de pouca dura
e nos dás bellos sonhos côr da rosa:
mas findas na botica—ó walsa caprichosa—
comprando copahiba, enxofre e capa rosa.»

—«Lá estás tu com pharmacia a contas
e, de rimar, no officio não me apromptas.»

—«Attenta bem, tu, n'isto, meu bilhostre:
attenta bem, se queres que te mostre
os arcanos da sabencia—hodierna,
que é velho e é soez dizer—moderna.

—Nas luxuosas salas ostentam roçagantes,
rafadas toilettes, dignas de farçantes,
os gotosos e senis peccados mortaes,
emquanto, ao fogão, as virtudes theologaes
fazem soalheiro da vida das visinhas.

E se não fossem umas bellas niñas
—obras de misericordia positivas—
com toilettes de verão allusivas
a appetitosas scenas sensuaes,
das de comer e de gritar por mais:
juro-te! ninguem iria ás soirées.
Pelo menos, eu, não punha lá pés.»

—«Não comprehendo como, sendo tu mulher,
em assumptos de—femea—mettes a colher.»

—«Ó innocente e parvo poetoide,
acaso serás tu o *purgueroide?*
Não sabes tu, que a musa e a poetiza
se podem pôr em mangas de camisa?
amar como qualquer homem bem macho?

Em a nossa litteratura ha um facho
que de homem tem o nome e é mulher,
e assigna seus artigos como quer.

O *Antonio Maria* procurou-lhe o til
e para tal assumpto não pediu bill.»

—«Vou explorar o caso, embora indecente!»

—«Indecente és tu, por seres innocente!»

*
* *

De novo caminhámos. A manhã rompia.

.....

—«Andemos mais depressa...» a musa me dizia,
«ao novo Parnaso, ao grande laboratorio
das idéas modernas; não a esse mistiforio
das drogas litterarias da classica escola:
d'isso bem sabemos que já não sou carola.
É bom ficar sabendo que ninguem faz caso
do velho e carunchoso e classico Parnaso.

Aperta mais o passo. O ceu está nublado;
se chove molho-me eu, que só tu tens—telhado,
pois inda fallas na Flor, no Sonho, e na Lua
e coisas que só prestam p'ra deitar á rua.

Apanhamos uma chuvada tesa...
É mais que provavel, tenho a certeza;
até parece que senti na cara
um pingo d'agua...»

—«Isso, sim!»

—«Repara.»

O POETA

—«A agua que do ceu cae
e em gotas pousa na planta,
como a perola a abrilhanta
até que por fim se vae
rolando p'ra o chão,

indo tornar mais fermosa
co'a vegetação,
quem tornou, talvez, vaidosa
pela ostentação.

—E a gota d'agua singela
duas vezes a faz bella.»—

A MUSA

—«Cala-te, menino! não digas tanta asneira
que me obrigas a pôr atraz uma torneira.
E, demais, isso é velho na fórma e na idéa,
e foi, com certeza, roubado d'obra alheia.»

—«Que este pensamento, alguem já tivesse tido,
isso póde ser, póde ter acontecido;
porém, não me recordo de o ter encontrado
em prosa, nem verso d'esta fórma guisado.»

*
* *

Dez minutos depois chovia em pingos grossos,
batendo na cara como batem tremoços,
doendo, como dói jogando entrudo bruto.
Ameaçava não ficar um fio só enxuto.

A lua no seu occaso illuminava a chuva
par'cendo queda de brilhantes bagos d'uva,
e no dizer da musa — escarros luminosos —
genuinos rivaes dos — brilhantes fulgurosos.

Dando uma corrida ligeira, alfim chegámos
á entrada do Parnaso, onde descançámos.

III

Estava n'uma gruta escura e fedorenta.
Havia emanações d'ardores de pimenta.
Tal escassez de luz havia á sua entrada
que adiante do nariz não se via mesmo nada.
E, como isto estranhasse, a musa me explicava:

O azeite litt'rario de preço não baixava;
assim, cada luz tinha apenas a ração
igual á d'aguardente que d'inverno dão
aos soldados da Parvonia, filhos de Marte;
que muito de proposito em aquella parte
se punham as luzes em menos quantidade,
a fim de mais brilhar a interna claridade...

—é a arte dos effeitos, a arte phenom'nal,
a grande alavanca do moderno ideal.—

E, caminhando por eterno corredor
lodacento e escuro e de grande pendôr,
topamos finalmente co'um largo portão,
feito por modelo dos de repartição,
com oculos de vidro e faces de baêta
de sebenta, ignota côr, mas que par'cia preta.

Companheira musa com chave original
(pois era retorcida em fórma d'espiral),
a porta abrindo, diz, em tom desprezador:

—«Livraria-museu dos poetas de valor.»

Espantado, vi mumias negras e mirradas
em buracas, nas duras rochas escavadas,
immoveis, lugubres, horrivelmente feias.
Passeavam por cima vermes e centopeias;
toldavam-nas o bolor, a humidade e o pó;
e torpes ratos insultavam-nas sem dó.

—«Ahi tendes Homero todo encapotado
pelas teias d'aranha como um juiz togado.
Vê, á Sapho gentil, como lhe ficam bem
aquellas vegetações que nos labios tem:
e como são curiosos esses cogumellos,
pelo logar onde estão... tão roseos, tão bellos.»

«Deixa-me, por quem és, ó musa tagarella,
d'este quadro medonho fazer a—*aguarella.*»

—«Será a tua estreia: está dito então.
Mas has de fazel-a, logo, no salão.»

*

* *

Talhado em rocha escura, fórmas angulosas
e salientes, phantasticas e caprichosas,
era o antro infecto, sinistro, a que a megera
o pomposo nome—salão—ufana dera.

No topo havia um throno infame, original,
feito de coisas varias que cheiravam mal.
N'elle, repimpada, dirigia os trabalhos
velha deshonesta, c'roada a resteas d'alhos:
na dextra aureo sceptro—colossal estadulho;
e, para dominar a borrasca do barulho,
empunha, na esquerda, safardana chocalho,
chavelho retorcido, armado co'um bogalho
servindo de badalo—estranha campainha!

Aos pés os classicos por almofada tinha.

As outras musas estavam acocoradas
sobre grossos montões de pardas papelladas.
Eram como gallinhas: estavam no chôco
chocando muito poema, tal como este,—ôco.

Em mochos de pinho vil, os modernos bardos
sobraçando mais pennas que no campo ha cardos,
com carga de papel manteigueiro, barato,
como o grosseiro alarve d'um burguez pacato.

Ao centro do *salão*, crepitante fogueira
da mais genuina essencia da mais pura asneira,

aquece com chammas febris, avermelhadas,
o enorme caldeirão das grandes versalhadas.

Os olhos em mim postos, o auditorio tinha;
e quando esp'rava a eterna e velha ladainha
do—quid petis—chronico, do gráu Coimbrão,
e me preparava p'ra pedir ser poetão:
larga dama presidenta um—«como pachaste?»

Acaso viste já, do rojão a haste
ao toiro apontada?
a ferrea ponta penetrar-lhe o coiro,
e c'o a cruel picada
saltar feroz com fero olhar de moiro?

O—como pachaste—foi o rojão;
o mal ferido toiro o meu coração.

A MUSA

—«Eis a reles conquista pulha que hoje fiz:
e, com quanto este asno não tenha bom nariz,
espero d'elle muito; tem muita vontade.»

A PRESIDENTA

—«Tem cara de pateta; lá isso é verdade.
Emfim, mostrar-lhe-hemos n'uma só lição
o solido material da nossa instrucção.»

O POETA

—«Cobrado tenho o animo, ó musa minha, bella:
annuncia lá, se queres, a minha aguarella.
É bom que mostre ao povo que não sou novato,
e tambem sei usar do material barato
que por ahi se impinge por bem bom dinheiro.»

A MUSA

—«O neophito conhece o poema—palheiro—
e diz saber guizar o *miolo d'enxergão*
p'ra vender ao povo n'uma encadernação.»

A PRESIDENTA

—«Ouçamos. Que titulo tem?»—

O POETA

—«Uma aguarella.
Isto é, vou fazer uma ligeira barrela
do museu-livraria que tendes á entrada.»

CÔRO DAS MUSAS

—«Fóra! isso de—barrela—não é cá usada.»

O POETA

—«Perdão se acaso offendi as instituições:
á—limpeza—não quero fazer allusões.»

A PRESIDENTA

—«Não divague, senhor! entre já na materia!
Não se faça massador e tenha pilheria.»

O POETA

—«Mote.

Eu vi o Camões c'roado
com corôa de papel doirado.»

A PRESIDENTA

—«Decimas, amigo, não se usam cá na tenda;
isso serve só p'ra escrivães de fazenda.
E, demais, vossê prometteu uma aguarella,
quer possa, quer não, ha de aguentar-se com ella.»

O POETA

— «Tal é a dôr que este meu peito opprime,
vendo os classicos tão abandonados,
que não encontro rima com que rime,
nem attento, por mal dos meus peccados,
em descrever o estado lastimoso
em que os conservam cá pelo Parnaso.

É preciso ser de peito animoso
para affrontar tão inaudito caso,
sem á dôr e á vergonha succumbir,
ao vêr a Patria Lingua derruir.»

—«Fóra! Fóra!»—berrou em tremebunda grita,
dos poetas e musas a *troupe* maldita.

Esperando, pela turba, em borra ser desfeito,
co'os olhos no ceu, cruzo os braços sobre o peito.
.....

—«Bravo! Bravo!» me applaudem todos presto.

—«Salvaste-te sómente pelo gesto.
Serve-te d'elle; não é má pimenta.»

Accrescentando logo a presidenta:

—«Em honra ao teu gesto fradesco e manual,
vaes ter espectac'lo com todo o ritual.

Aprestae, minha côrte, as armas, a metralha
que impavido, o realismo, emprega na batalha.»

*
* *

Circulam os poetas e giram as musas
(umas fufias velhas, caras de semi-fusas),
mechendo em armarios e cortando papel,
e borrando pinturas co'um grosso pincel,
d'uns que são usados em lavar certos vasos
que pomos em serviço em reservados casos.
Andam sempre em vertiginoso rodopio
atarefados todos, té que um assobio
de machina a vapor sibila pelo espaço.

Entra um prélo gigantesco, luzidio, d'aço,
puchado p'lo Pegaso e movido a vapor.

—«A postos, meus senhores, se fazem favor.»

IV

Apollo, que até então tinha estado occulto,
da sombra destacando o luminoso vulto,
desatrella o Pegaso do prélo bemdito
e o manda pastar em pello a *aveia do infinito*.

Depois, berrando como qualquer sacristão
que na egreja ronca safado cantochão,
com voz desafinada entoa esta cantiga,
batendo, á cautella, o compasso na barriga:

—«Companheiras senís, acanalhadas,
que, quando era potente, tanto amei:
o grande caldeirão das versalhadas
descei! descei!»

Ligeiras, como a rapida gazella,
atiraram-se ao *cabo* da panella;
e o caldeirão desceram, pressurosas,
tomando, pelo esforço, a côr das rosas.

Depois tomaram posições sensuaes
dos quadros vivos reles e triviaes.

E os poetas, então, prostrados pela terra,
entoaram este côro, na mais alta berra.

ORAÇÃO DOS POETAS

—«Ó vestaes da inspiração,
velhas donzellas:
assumptos de sensação
idéas bellas,
fazei nos inventar
em nossos cacos;
e fazei-nos ganhar
bem bons patacos.

Multiplicae os tolos
p'ra nosso bem,
que vos daremos bolos.
Amen, amen, amen.»—

E, levantando os seus coiros do chão,
sacudiram o pó co'um escovão.

A um signal d'Apollo, dado com pratos,
fizeram as rev'rencias dos gaiatos.

Longa penna tirando da sacola,
papel na mão, como rapaz d'escola,
e p'ra a lição estando muito attentos,
tomavam com cautella apontamentos.

APOLLO *(cantando)*

—«A sciencia genial das bagatellas,
que tendes como a compota nas tijelas,
lançae no caldeirão.
Adjectivos hydropicos, lancinantes,
figuras colossaes; como os elephantes
em grossa multidão,
com quanta massa realista de balelas
tendes em vossa mão:
lançae no caldeirão
co'a sciencia genial das bagatellas.»

Tres vezes cantou isto e calou-se.
O Pegaso fóra deu um coice.

Avançam Euterpe e Clio
cantando ao som de assobio.

—«Lançamos no panellão
um primoroso croquis
da guerra do Rossilhão
e dos bordeis de Paris.

Lançamos a Rigolboche
com rameiras messalinas,
fazendo todo o deboche
junto aos sapos das latrinas.

N'alma d'um paria,
Locusta má,
cantando uma aria
em tom de lá;

Cesares romanos,
Faustos impotentes,
mil ratas dos canos,
risos innocentes,

lançamos com copahiba
mais o nitrato de prata.
Tirando d'um carahiba
luxuria sensual de gata,

teremos, com toda esta misturada,
um adubo real p'ra a panellada.»

Feitos uns fradescos cumprimentos
as musas tomaram seus assentos.

Avançam Melpomene e a Thalia
trazendo material de gran valia.

—«Lançamos roseas petalas d'alma
e beijos de Julietta:
de Tartufo a seriedade calma
e muita outra peta;

muitas portas falsas,
maridos c'roados,
mulheres com calças,
noivos esfaimados.

Tudo isto se acondimenta
com choradeiras de fel,
cantharidas e pimenta
e beijos da lua de mel.»

Ninguem faz caso d'uma tal cantiga
porque o theatro não enche barriga.

De Terpsichore e Urania chega a vez:
pouco, porém, dão p'ra este entremez.

—«Lançamos os cometas d'aço
em leitos sensuaes de nublosas;
a gran mangedoura do espaço
alem de—*muchas otras cosas:*

a abobada commua,
o grande guarda-sol
dos requeijões da lua,
e o tinteiro do sol.

Refrescamos toda esta panellada
com agua do ceu e gelo em palitos;
e p'ra terminar tamanha estopada
deitamos a dança dos aerolithos.»

(Um vate apontou: alguns fandangos...
uns requeijões da lua com morangos...)

Tocou a vez á agoirenta Erato.
Esta recitou este cavaco:

—«Não tenho que botar no caldeirão,
seguindo uma bem sensata opinião,
senão:
coisas funebres e outras porcarias
na Parvonia publicadas ha dias.

Acompanhae meu canto, Apollo, ó menestrel,
tocando n'um pente forrado de papel.

—Almas côr de rosa,
subindo p'ra o céu;
a morte amorosa
tirando o chapéo.

Vae n'este bilhete,
desenhado a giz,
loculeo banquete:

podridões gentis,
larvas proletarias
em mesa quadrada
roendo nos parias..

Não lhes digo nada...
Se um dia morrer,
—ai que desprazer!—
não posso ter dobres
de modo nenhum:

foram-se-me os cobres
Na valla commum.

O ultimo dueto se faz ouvir alfim;
Calliope e Polymnia cantaram assim:

—«Temos grande collecção
de hyperboles arrojadas,
e portentosas rajadas
de causar admiração.

Ha no nosso botequim
gordos melros com chouriço,
e tonsurado toitiço
com carcassas d'arlequim;

evangelhos com trufas
e Biblia com champagne;
e ha quem isto amanhe
tudo em operas buffas.

Escrevei, ó poetas namorados!
com a tinta geniosa dos enxurros
estes sadios e modernos guisados
capazes só de sustentar os burros.

Libae poetas! e bebei n'um pulo
o sangue com gangrena
pelas aurif'ras taças de Loculo,
nos braços da pequena.

Lambei os lambusados pratos
d'esta babylonica orgia:
e p'ra rimar mettei Pilatos,
mettei no credo a gemonia.

E Gehovah e Jonas e Vitellio
almoçaram aqui ventres de sapos,
e embrulharam-nos em ostias de trapos,
andando na pandega com Aurellio.

Astarteia com os dentes de Ugolino
roe por vezes podridões syphiliticas,
indo depois ás sergetas mephiticas
com Torquemada descantar um hymno.

A luxuria d'um frade
com varios paradoxos,
dão da melhor vontade
relinchos orthodoxos,
rindo-se do cisco dos ripansos,
e das varreduras dos missaes,
e cabritando pelos passaes
de pescoço alçado como um ganso.

Aqui temos muitas vezes
Job e Falstaff e Ezequiel,
o que rima com Ariel
e come esterco das rezes.

Aqui vém todas as Venus sensuaes,
carregadas d'escarros luminosos,
abraçadas com uns pobres gotosos
que lhes pagam as scenas jantaraes.

Temos a latrina de Pandora
p'ra casos do aperto mais velhaco.
Tambem ha a caverna de Caco
mas vive n'ella, Agrippina, agora.

Á noute, luzes ha, de brancos ais,
velas, tochas de pedantes,
ais de luz agonisantes
e mais outras lamparinas que taes.»

E tomando as reles pinturas allegoricas
de todas estas hyperboles *semaphoricas*,
com os recortes das figuras principaes,
funambulas e grotescas e originaes,
tudo no panellão deitaram em tropel.

(Um poeta não tira os olhos do papel;
e movendo a penna com rapidez electrica
escreve, a serio, esta michordia phonetica.)

*

* *

Então a musa Clio, que á festa presidiu,
a palavra alterosa assim me dirigiu:

—«Neophito! acabas de penetrar os arcanos
do saber que sómente dão os muitos annos.
Não julgues porém tu, que sómente com isso,
que não passa de bagaço e reles palhiço,
conseguirás talvez hombrear os geniaes,
altivos, sonorosos poetas actuaes.

Isso só consegues indo calçar ao ferrador,
e dando muitos coices, com ataques de estupor,
na grammatica mais na Lua, em Deus e na Razão.
Descoberto este segredo serás um sabichão.»—

*
* *

Termina a festa. Apollo empunha a lyra d'ouro
e, soltando aos ares o seu cabello louro,
dedilha, debruçado no instrumento qu'rido,
o puro do fadinho, o popular, corrido.

E as musas dando á gambia, á canella,
batem o fado em roda da panella.

Com zumbidos feios, torpes emanações,
a grande panellada ferve em borbulhões
lascivos de luxuria, quentes, abbaciaes,
espalhando no espaço vapores sensuaes,
emquanto que o Pegaso farto de pastar,
como burro indecente, se poz a ornear.